

JT
15/4/96 16-A
86

HORTO FLORESTAL

ONG quer tirar parque do abandono

Lagos poluídos, museu abandonado e obras inacabadas. Esse é o triste panorama do Parque Estadual Alberto Löfgren, mais conhecido como Horto Florestal, que comemora este ano seu primeiro centenário. Uma das mais importantes áreas verdes da Zona Norte da Cidade, o parque enfrenta a crônica falta de verba do governo estadual, responsável por sua manutenção — e por isso a sociedade civil quer revitalizá-lo. O projeto custará US\$ 8 milhões e ainda será submetido ao Ministério da Cultura para receber apoio financeiro da iniciativa privada, por meio da Lei Rouanet.

A apresentação da Orquestra Jazz Sinfônica, na tarde de ontem, marcou o início das comemorações dos 100 anos do parque. O evento, o primeiro organizado pela Associação Amigos do Horto — uma organização não-governamental (ONG) criada no ano passado —, reuniu mais de 10 mil pessoas. "O parque é bonito, mas está depredado", reclama o engenheiro Eduardo José Fram, morador de Santana. Mas, para o casal Elza e Delfim Furriel, o pior é a sujeira dos lagos.

"Como a máquina do governo está emperrada, nós teremos



Lago no Horto Florestal: ameaçado pelos esgotos da vizinhança

agilidade para transformar o horto num parque modelo", disse o presidente da associação, Eurípedes de Castro Júnior. Hoje, além da precária estrutura e da falta de mão-de-obra — um déficit de 65 funcionários, entre fiscais, vigilantes e guias —, o horto enfrenta graves problemas ambientais. Os lagos são constantemente contaminados pelo esgoto das residências próximas, o que tem matado seus peixes. A canalização do esgoto da Favela Itabira, feita no ano passado, diminuiu a poluição. Mas a draga que deveria fazer o

desassoreamento dos lagos está quebrada há oito meses.

Como há apenas 15 vigias para uma área de 174 hectares, é comum a prática da pesca clandestina. É comum pessoas roubarem os cisnes dos lagos, que levam para fora do parque dentro de sacolas. O Museu Florestal Octávio Vecchi, que fica nas dependências do parque, também precisa de restauração. Segundo a diretora do parque, Ana Lúcia Cervantes Ramos, as obras de revitalização devem demorar cerca de quatro anos.

Fabio Schivartche

L.C.Leite/AE